

# A SEMIÓTICA DO “FIO” E DAS “MISSANGAS” NA FICÇÃO DE MIA COUTO: AS METÁFORAS ASSIMÉTRICAS ENTRE OS SEXOS

Edinaldo Flauzino de Matos<sup>1</sup>

**Resumo:** No presente artigo busca-se compreender a cisão entre a tradição e a modernidade na obra de Mia Couto intitulada *O fio das missangas*, na qual o escritor, numa perspectiva semiótica, descreve os conflitos de gêneros, isto é, entre os sexos, cuja associação metafórica e simbólica infere-se ao fio *versus* as missangas. A leitura interpretativa apresenta um recorte analítico com ênfase na epígrafe do livro e no temático e análogo conto “O fio e as missangas”, contíguos às inúmeras recorrências do assunto em outros contos da coletânea. Na composição dessa análise, evocam-se autores e estudos que, de algum modo, corroboram para a efetiva interpretação proposta. Assim, é concluso que o ajuizamento analítico conjecture sentidos polissêmicos nas histórias de vidas de homens e mulheres que incidem da cultura de um povo, das diásporas e de um período longo de escravidão africana em Moçambique.

**Palavras-chave:** Metáfora; Missangas; Modernidade; Semiótica; Tradição.

“Vale não haver escassez de loucos.  
Uns seguindo-se aos outros, em rosário.  
Como contas de missanga  
alinhadas no fio da descrença”  
(COUTO, 2009, p. 146).

## 1 Introdução

Na proposição analítica textual de perspectiva semiótica, busca-se considerar o discurso na sua particularidade, individualidade e atualidade do texto. Essa proposição ocorre ante o arcabouço e as relações de pertinência referentes à ordem de expressão que advém do mundo exterior e pela ordem de conteúdo que incide do mundo interior. Assim, objetiva-se estabelecer certa correlação entre o sensível e o inteligível, ou seja, entre o acontecimento narrado e a experiência que se originou desse evento histórico-social. “Portanto, segundo a perspectiva

<sup>1</sup> Doutor em Letras na área de Literaturas em Língua Portuguesa pela UNESP – Universidade Estadual Paulista. Mestre em Estudos Literários pela UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso. Graduado em Letras e suas respectivas literaturas pela UNIR, Universidade Federal de Rondônia. Professor efetivo da UNIR, Universidade Federal de Rondônia, Campus de Guajará-Mirim. Líder do Grupo de Estudos Teóricos e Literários – GESTELIT, cujas linhas de pesquisa são Literatura Infantil / Infantojuvenil, Literatura, História, Memória e Letramento Literário. E-mail: edinaldo.matos@unir.br.

da semiótica do discurso, nós a definiremos como modos de existência da significação em discurso” (FONTANILLE, 2008, p. 71). Nesse sentido, a semiótica é efetivada por meio da análise de conteúdo que, de certa forma, permite que se revire o texto, pontue as entrelinhas, esmiúce os enunciados e termos e, desse modo, possa-se juntar os elementos alegóricos, metafóricos, simbólicos e figurados que se mostram polissêmicos.

A metáfora, por sua vez, incide da sua amplitude e, por isso, não pode ser vista somente como o estilo da linguagem escrita, já que alcança certa dimensão polissêmica de acepção psicológica, isto é, um conjunto múltiplo de sentidos ligados à motivação, emoções internas, artifícios expressivos. “[...] há dois termos presentes: a coisa que se diz e aquilo com que se quer comparar” (CHERUBIM, 1989, p. 44). Assim, a acepção metafórica se efetiva na subjetividade pressuposta de modo contíguo à comparação. “[...] uma das qualidades da metáfora é traduzir experiências abstratas em termos concretos” (CHERUBIM, 1989, p. 45). A pretexto, inicia-se essa discussão mediante figura de descrição onipresente, genérica, abstrata e subjetiva que incidem na leitura da ficção de Mia Couto.

É nesse sentido que se propõe a análise textual de elementos do livro *O fio das missangas* (2009), de Mia Couto, cuja coletânea apresenta a figura feminina sob à ênfase da dimensão simbólica metafórica, já que a mulher protagoniza uma espécie de urgência social e psicológica que advém de uma soberania masculina opressora envolta na tradição histórica social de Moçambique. A ênfase analítica predomina no conto “O fio e as missangas”, cuja metáfora é direcionada, de forma mais evidente, à figura feminina de modo a vislumbrar a circunstância dicotômica de acepções patriarcais culturais que incidem nos silenciamentos e envolvem estereótipos discursivos como estratégia de identificação do “lugar” e da “ambivalência” entre os sexos que advém de conjunturas discursivas no limite da sua construção histórica e da enunciação implicada numa efetiva intenção tradicional e sociocultural. “Quando metáforas oculares da presença se referem ao processo pelo qual o conteúdo é fixado como ‘efeito do presente’, encontramos não a plenitude, mas o olhar estruturado do poder [...]” (BHABHA, 2014, p. 181). Esse poder enunciado encontra-se radicado sob certa autoridade que prevalece na incidência da superioridade masculina em detrimento do apagamento feminino.

Nessa proposta analítica de perspectiva semiótica discorre-se sobre o tema indicado, mediante análise minuciosa da epígrafe do livro destacada em orações de períodos completos e inter-relacionados, a saber: “*A missanga, todos a veem. Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas. Também assim é a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo*” (COUTO, 2009, p. 5, itálico do autor). A temática analisada na epígrafe é análoga aos contos de toda a coletânea, cujo assunto núcleo descreve a dissimetria entre mulheres e homens. E, apesar de vários contos da coletânea serem precedidos de epígrafes, a exemplos: “Saia almarrotada”, “A infinita fiadeira”, “O peixe e o homem”, “A carta de Ronaldinho”, “O rio da Quatro Luzes”, “Enterro televisivo” e “O menino que escrevia versos”,

essas epígrafes situam as motivações dos contos e não são equivalentes ao sentido da obra, por isso não serão destacadas na descrição analítica, pois não estão associadas diretamente às divergências entre os sexos. Assim, a síntese apresentada da coletânea descreve apenas o enredo dos contos afins ao tema.

No que se refere à epígrafe do livro, a interpretação infere-se à ênfase ao conto: “O fio e as missangas”, cujo enredo apresenta a voz narrativa masculina, em terceira pessoa, implicada num “chavão masculino”, e descreve o processo solitário que perpassa tanto o narrador como também o personagem JMC em relação às transformações de aspecto social e histórico em Moçambique. Assim, essa voz narrativa destaca o protagonismo de JMC, no passado, referente à forma que esse personagem tratava as mulheres. Uma das falas destacadas a JMC encontra-se diretamente relacionada à temática do artigo, a saber: “– *A vida é um colar. Eu dou o fio, as mulheres dão as missangas. São sempre tantas, as missangas*” (COUTO, 2009, p. 66, itálico do autor e grifo nosso). Porquanto, JMC era casado com Dona Graciosa, mas tinha casos amorosos com outras mulheres, pois toda vez que fazia amor com uma de suas amantes procurava a casa de sua mãe, que agia de forma resiliente às suas infidelidades. Entretanto, um dia a mãe morre e, sem o apoio dela, o sujeito mulherengo nunca mais visita mulher nenhuma. Por outro lado, Dona Graciosa, sua esposa, apresenta certa dialética transformacional e, por sua vez, desenvolve certo poder sobre o marido que se encontra perdido no paradoxo de mundo envolto na modernidade.

No que compete refletir à modernidade, pondera-se que o distanciamento tempo e espaço é muito maior, mesmo nas mais desenvolvidas civilizações agrárias. Nessa conjuntura, pode-se considerar uma certa multiplicidade expansiva na aparente simplicidade que envolve a dialética dos sistemas sociais na composição estrutural de gênero, cuja capacidade de inferência máxima predomina a cúpula masculina. “Devemos olhar com alguma profundidade como as instituições modernas tornaram-se ‘situadas’ no tempo e no espaço para identificar alguns dos traços distintivos da modernidade como um todo” (GIDDENS, 1991, p. 19). Então, para compreender, de forma efetiva, a natureza da modernidade é necessário considerar a extraordinária dinâmica espaço-temporal em conjunto à proposição globalizante das instituições modernas que, por sua vez, permitem a compreensão de que as descontinuidades em relação às culturas tradicionais africanas corroboram para o sentido emancipatório que visa certo empoderamento da mulher na obra de Mia Couto.

A leitura empreendida ocorre por intermédio da semiótica do discurso que nos permite invocar o pensamento de Jacques Fontanille que faz inferências sobre temas voltados à teoria da significação. Também à luz dos estudos de Giddens, em *As conseqüências da modernidade* (1991), cuja reflexão referente às ciências sociais são fundamentais para a compreensão da modernidade. Evoca-se também o pensamento de Beauvoir em *O segundo sexo* (1970), no qual a estudiosa compreende a condição feminina, ou seja, “o eterno feminino” que incide na submissão ao homem

análogo à conjuntura da alma negra que representa o desejo da casta dominadora devido aos acontecimentos históricos e inferências de costumes tradicionais. Ainda, destaca-se o pensamento de Bourdieu em *A dominação masculina* (2012), já que o estudo se refere à soberania masculina, cuja ordenação do conhecimento e do progresso demarca a relação entre os sexos implicada na conjuntura quase natural do apagamento do ser feminino nos esboços dialéticos históricos. Ainda, no que se refere às adequações inconscientes e dicotômicas entre os sexos, evoca-se o pensamento freudiano, uma vez que, para a psicanálise, a premissa básica para inscrever e compreender os processos patológicos encontra-se na essência psíquica da consciência, cujo conceito de inconsciente advém da teoria da repressão.

## **2 A semiótica da epígrafe versus as metáforas em *O fio das missangas* de Mia Couto**

Mia Couto por meio da sua literatura demonstra o quanto é um *expert* com as palavras. O escritor consegue inferir em sua ficção a perspicácia que alcança certo lirismo atravessado por uma prosa poética que transita entre o presente e o passado do povo moçambicano implicado por tradições orais africanas e suas dialéticas transformacionais permeadas pelas magias, nas quais o escritor explora a diversidade e a complexidade dessa África que circunda a alma brasileira. As histórias miacoutianas mimetizam a realidade afetiva e quase mágica, cujo universo literário apreende uma linguagem intensificada pela força das grandes narrativas que resgatam a vida humana estruturada na cultura tradicional que, no seu delineamento prioritário, considerando a temática proposta, representam a experiência/convivência dos horrores advindos das guerras, da questão escravagista e das diásporas africanas ocorridas em Moçambique.

Nesse sentido, a tradição cultural e histórica, focada no homem, legitima a regulação dos espaços e lugares ocupados pelos sexos na sociedade. Ao homem, independente da classe social, mantém-se muitos privilégios, ou seja, prerrogativas de poder e, à mulher, independente da classe social, predomina a submissão. “A transparência é a ação da distribuição e organização de espaços, posições e saberes diferenciais em relação uns aos outros, relativos a um sentido discriminatório, não inerente de ordem” (BHABHA, 2013, p. 181). Assim, mediante temática em análise, as mulheres descritas pelo escritor moçambicano, nas suas formas de condutas, questionam uma série de equívocos sociais, isto é, os ditames masculinos divergentes entre os sexos.

No contexto do recorte proposto, nesse artigo, não há como desvencilhar o conjunto da coletânea, *O fio das missangas: contos* (2009), sem considerar prioritária a busca de significação polissêmica que advém da epígrafe do livro. O estudo da semiótica evidencia que, para apreender a objetiva perspectiva de sentido da linguagem, faz-se necessário ampliar os códigos específicos como parte da observação dos signos e da rede de relações. Desse modo, o leitor pode fazer inter-relações

interpretativas para flagrar vestígios de elementos discursivos que simplesmente façam sentidos. “Do *micro* ao *macro*, da parte para *todo*, e vice-versa, ela procura conhecer mais sobre o sentido ou, simplesmente, *fazer sentido* – ou *fazer signo*” (FONTANILLE, 2008, p. 11, itálico do autor). Na acepção semiótica, o sentido é, a princípio, a matéria organizada do conteúdo destacada pelo estudioso por meio do pronome “ela” que, por sua vez, atribui à fórmula correspondente à relação convencional de unidades da língua e sua expressão, assumidas no discurso, aparentemente simplório, porém sujeito à propriedade polissêmica. “Mas, para a semiótica do discurso, na qual se interpreta e reinterpreta ininterruptamente a ‘cena primitiva’ da significação, ou seja, a emergência do sentido a partir do sensível, essas questões tornam-se primordiais” (FONTANILLE, 2008, p. 49, aspas do autor). Assim, busca-se flagrar a representação simbólica como comparte de expressões que surgem, no texto, ante a demanda de significantes que permitem, ao leitor, pressupor que os termos ou enunciados tendem a algo de sentido mais amplo.

A primeira frase da epígrafe do livro é enfática ao afirmar: “*A missanga, todos a veem*” (COUTO, 2009, p. 5). Considerando a ideia macro da coletânea, envolta na perspicácia feminina, a mulher é a metáfora das missangas e, então, pode-se pressupor que essa asseveração do termo se mostra dicotômica e promove sentidos distintos, já que, a princípio, a figura feminina é vista por todos. Diante disso, pondera-se essa exposição, a conjuntura da sua presença constante se faz positiva ou negativa no contexto histórico de Moçambique. Há evidências da tradição em conflito com a inclusão da modernidade. Nas hipóteses instauradas, o leitor precisa considerar o papel dessa mulher no contexto social e histórico africano. Porquanto, basta avaliar que, historicamente, desde os primórdios, o homem não é julgado pelo seu comportamento tanto quanto a mulher, já que os homens, no sentido amplo, a veem subjugada às suas prerrogativas. Dessa assertiva, invoca-se o pensamento da filósofa existencialista Simone de Beauvoir: “As mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusesse para si em face do grupo masculino; nunca tiveram uma relação direta e autônoma com os homens” (BEAUVOIR, 1970, p. 91). Assim, na maioria dos contos dessa coletânea, as missangas são metaforizadas nas mulheres moçambicanas que, sob a prerrogativa visível do homem, paradoxalmente, ampliam-se na invisibilidade de suas ações e autonomia perante a soberania masculina.

A segunda frase da epígrafe: “*Ninguém nota o fio que, um colar vistoso, vai compondo as missangas*” (COUTO, 2009, p. 5, grifo nosso). O contexto das narrativas, no seu conjunto, permite pressupor a conjectura metafórica dos termos destacados, logo, fio configura o homem afirmado na sua soberania viril, logo essa afirmativa não corresponde à verdade histórica e social de Moçambique com relação à forma que as mulheres são tratadas pelos homens. Assim, a assertiva da epígrafe nos parece interposta no livro, de forma falseável, ou seja, pode ser contradita, pois na sua condição máxima de homem que, conforme enunciado manifesto, agrega para si inúmeras mulheres. Por outro lado, esse domínio mantém-se disfarçado,

já que a ideia de não ser notado legitima a sua invisibilidade que deriva do poder masculino instituído. Enquanto que as missangas, como metáforas das mulheres, exemplificam a perspectiva biológica, isto é, o assujeitamento imposto culturalmente à própria espécie, cuja construção social é naturalizada na cisão que polariza o amor e o sexo coligados às dificuldades das mulheres em desvincular-se das teias que emanam da dominação masculina.

A representação simbólica do enunciado, *a priori*, parece supervalorizar a figura feminina em detrimento da diminuição do seu papel na sociedade. François Poulain de La Barre, filósofo e escritor, no século XVII, já apresentava uma visão feminista audaciosa, ao tratar, mediante o ponto de vista cartesiano, a respeito da desigualdade entre os sexos, tanto de ditames da razão quanto de natureza advinda da exclusão feminina, considerando a sociedade patriarcal do seu tempo. A máxima resiliência surge na observação de Poulain, citada na segunda epígrafe do livro da filósofa feminista, na qual enfatiza: “Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte” (BEAUVOIR, 1970, p. 6). Dessa afirmativa, retoma-se ao enunciado miacoutiano, já que essa aparente consagração da beleza feminina pode esconder certa opressão de ordem social e histórica, ou seja, pode até ser considerada pela sociedade moçambicana como virtudes, porquanto os preceitos sociais de comportamento apresentam prerrogativas masculinas de que as mulheres (missangas) exibem sua beleza sob o alinhamento conjectural do macho (fio).

Pode-se considerar que o termo “fio”, escrito no singular, representa o homem na sua particularidade tradicional, pois, apesar de parecer um suposto apagamento da figura masculina, o seu poder é assegurado em prejuízo do coletivo feminino, já que a metáfora “missangas” se encontra no plural. Há, no imaginário coletivo, a ideia de que “sem ser visto”, a figura masculina, representada pelo fio, garante a substancial beleza e segurança do conjunto feminino, ou seja, das missangas, descritas como vistas. Ainda, no que se refere ao assujeitamento das mulheres ou sobreposição da figura masculina, pode-se observar a sua ambiguidade interposta, já que a assertiva também pressupõe o lado positivo dessa nulidade masculina que constrói toda uma rede de proteção a seu favor, considerando a tradição, até porque o homem detém a força da memória patriarcal cultural africana que lhe permite agregar muitas missangas ao seu fio.

Por outro lado, as missangas, isto é, as mulheres, caso uma delas resolva sair dessa zona de conforto atrelada ao fio do macho, será notada, julgada e execrada pela quebra da harmonia do colar que semiotiza, mais uma vez, a viciosa tradição histórica, espaço-temporal desse círculo vicioso. “A dualidade que se descobre sob uma forma ou outra no seio das coletividades opõe um grupo de homens a outro grupo de homens, e as mulheres fazem parte dos bens que estes possuem e constituem entre eles um instrumento de troca” (BEAUVOIR, 1970, p. 91). Nesse sentido, o pressuposto protagonismo feminino, a exemplo metafórico, do “todo”, ou seja, do colar, não pode ser ajuizado somente pelo viés positivo, pois é certo,

se considerarmos o conjunto das narrativas dessa coletânea, que a mulher se encontra propensa a inferir-se na condição negativa feminina de forma recorrente. Assim, numa visão ampla, as missangas presas ao fio expõem o aspecto que legitima e anula a sua alteridade entre os sexos. A aparente beleza e perfeição do colar esconde o servilismo simbólico representado pelas missangas, no auge da submissão mascarada envolta na teia de dominação que advém de uma consciência instaurada por uma acepção patriarcal.

Ademais, na terceira frase da epígrafe, é evidente que o narrador busca distinguir o seu afastamento como homem tradicional que descreve os fatos, cujo objetivo é manter a sua neutralidade diante dos conflitos entre os gêneros como mero observador e ponderador dos aspectos que incidem na tradição em contraste à modernidade. “*Também assim é a voz do poeta: um fio do silêncio costurando o tempo*” (COUTO, 2009, p. 5). Nesse enunciado, considerando o todo da coletânea, pode-se empreender uma visão metonímica da obra no sentido mais abrangente, por exemplo: “da parte para o todo”, considerando a epígrafe e os contos, essa voz neutra do próprio escritor denuncia a dissimetria entre homens *versus* mulheres envolta no tempo e silêncio que, através do fazer literário, é quebrada pelo poeta. Nessa acepção, pode-se ponderar que Mia Couto tem consciência do espaço e papel ocupado pela mulher moçambicana no seu contexto histórico sociocultural. Sendo assim, é pressuposto que as duas primeiras frases da epígrafe estão ajustadas à realidade dicotômica dos gêneros na África moçambicana implicada numa lógica de consciência que configura em esquemas de ação, avaliação e ajustamentos inconscientes da mulher pautada na reprodução/representação de valores assimétricos entre os sexos.

Ainda a respeito da terceira frase descrita no parágrafo anterior, é pressuposto que o autor tem consciência do mascaramento social instituído, nos possíveis ditos populares ou provérbios moçambicanos que, provavelmente, efetivam-se como parte do imaginário coletivo e, por sua vez, podem ser contraditos, se considerarmos as realidades das mulheres ficcionadas como personagens dos contos que remetem ao paradoxo semiótico dos dois primeiros enunciados da epígrafe que, por sua vez, configuram o poder *versus* a submissão. É evidente, em toda a coletânea, que a mulher reclama a falta de visibilidade que lhe é imposta pelo homem, no todo, alinhada como rosário que remete às questões de ordem religiosa no seu contexto biológico genesiaco histórico e social.

Efetivamente, a assertiva da terceira frase da epígrafe corrobora para a isenção de responsabilidade do escritor como comparte do comportamento masculino, pois no seu esboço poético se insere como mediador dessas constantes e se configura mediante papel da literatura. Nessa proposição, a voz do escritor pressupõe certa neutralidade e, por isso, não coaduna com as perspectivas masculinas dos contos e, por outro lado, surge pautada num paradigma dicotômico, no qual essa voz masculina que grita, o faz através dos sujeitos líricos femininos. “A literatura, impondo-nos uma consciência dramática da linguagem, renova essas ações habituais, tornando

os objetos mais ‘perceptíveis’. Por ter de lutar com a linguagem de forma mais trabalhosa, mais autoconsciente [...]” (EAGLETON, 2006, p. 5-6). Nessa conjectura, Mia Couto transforma e intensifica a linguagem comum e, por sua vez, por meio das vozes narrativas chama a atenção a respeito da conjuntura polissêmica que envolve o homem moçambicano sob uma existência que incide no não pragmatismo de submissão e rupturas, enquanto a fêmea encontra-se figurada no entrechoque dos saberes e seu papel de assujeitamento na sociedade. Dessa definição, é pressuposto que a epígrafe contígua a toda a coletânea apresenta a mulher e o homem inseridos em um espiral invisível de categorias de tradição cultural, cujos valores arrastam-se e constituem-se mediante variáveis biológicas e históricas.

A dialética espaço-temporal corrobora para a estreita relação ideológica histórico-social que muitos grupos exercem e mantêm certo poder sobre os outros. “A desvalorização da mulher representa uma etapa necessária na história da humanidade, porque não era de seu valor positivo e sim de sua fraqueza que ela tirava seu prestígio [...]” (BEAUVOIR, 1970, p. 95). Logo, o contexto histórico moçambicano, no qual as mulheres encontram-se inseridas, configura forças históricas que buscam neutralizar os mecanismos modernos. Porquanto, a inferência miacoutiana demonstra a mobilização marcadamente política do sujeito lírico feminino que se evidencia na sua ficção, contígua às temáticas, à medida que abre às mulheres a possibilidade de uma ação de resistência tanto individual como coletiva. Assim, a epígrafe evidenciada por Mia Couto denuncia o lugar da diferença, a ausência da alteridade entre os sexos perante o espaço dominante masculino. O homem, como o lado opressor, não considera o contorno das diferenças ante fronteiras limites de recepção e projeção dessa mulher oprimida na sociedade moçambicana.

### **3 A coletânea: *O fio das missangas versus o silêncio costurando o tempo***

O livro *O fio das missangas* apresenta vinte e nove contos em que, de forma recorrente, as personagens femininas remetem aos conflitos inerentes ao homem *versus* mulher. A maioria dos contos implica na discussão conteste feminina resultante da efetiva dominação masculina, cujo caráter da modernidade concentra-se como parte substancial das reflexões envoltas em recortes do discurso ideológico masculino tradicional, que se mostra vulnerável diante daquilo que parece inconcebível na instância estrutural de modernidade.

Assim, o primeiro conto da coletânea, intitulado “As três irmãs”, apresenta-se como exemplo fidedigno da desigualdade e dos conflitos socioculturais e históricos, considerando a assimetria entre tradição *versus* modernidade, adjunto às perspectivas históricas sincrônicas *versus* diacrônicas. A primeira num dado momento (clássico, o Era uma vez) e a segunda, ao longo do tempo, considerada a evolução temporal (modernidade), pois tratam-se de três irmãs, criadas pelo pai, homem viúvo, cuja história relembra a estrutura padrão tradicional dos contos de



fadas e fábulas. Mia Couto apresenta, no enredo, certa intertextualidade com a literatura infanto-juvenil clássica. O conto apresenta recortes que demandam as pautas de apagamento das mulheres, a começar diante da figura do pai. Também se discute o papel da mulher, ainda criada sob preceitos patriarcais. Já a questão da homossexualidade sucedida entre o pai e o pretendente das filhas surge como quebra de paradigma tradicional e insere-se na perspectiva da modernidade. Outro fator de rompimento com a tradição, no que se refere ao ditames sociais entre o comportamento masculino e feminino, ocorre baseado no ambíguo e subjetivo assassinato do pai e do amante pelas três filhas.

Destaca-se também o conto “O cesto”, no qual a voz narrativa feminina acompanha o marido hospitalizado em estado terminal. Essa mulher, sob fluxo de consciência, reitera a sua voz no monólogo interior. A personagem vê, na iminência da morte do marido, a sua emancipação. “– *Você, marido, enquanto vivo me impedia de viver. Não me vai fazer gastar mais vida, fazendo demorar, infinita, a despedida*” (COUTO, 2009, p. 22, itálico do autor). Já no conto “Inundação” discute-se a ambiguidade polissêmica do próprio título que remete ao rio como metáfora do tempo, coligado à figura da mãe que é abandonada pelo marido e se entristece até à loucura, por não conseguir desvincular-se da figura tradicional opressora. Nesse contexto assimétrico/dissonante da tradição e sua ruptura com a modernidade pondera-se: “A modernidade é inerentemente globalizante, e as conseqüências destabilizadoras deste fenômeno se combinam com a circularidade de seu caráter reflexivo para formar um universo de eventos onde o risco e o acaso assumem um novo caráter” (GIDDENS, 1991, p. 155). Essa conjectura coaduna com o pensamento ficcional miacoutiano que, por sua vez, confirma o prenúncio de novos paradigmas no universo social-histórico das suas personagens femininas.

Outra personagem feminina que incide em atitudes limites encontra-se no conto “A saia almarrotada”, já que o título, em si, se mostra semiótico, no qual uma mulher idosa sozinha relata o seu desencontro existencial diante do seu papel feminino. Tudo que ela sonhava era ser abraçada pela felicidade. Porquanto a personagem sem nome, já que a mãe nunca pronunciara por conta da frustração de ter tido uma única filha, em meio aos rebentos machos. Assim, diante do abandono da mãe, a menina foi criada pelo pai e pelo tio que perspectivaram uma mulher casta e solteira para cuidar de ambos na velhice. De tal modo, destituída daquilo que considerava felicidade, a filha lembra as artimanhas discursivas do pai com intuito de inexistir. “Eu acreditava que nada era mais antigo que meu pai” (COUTO, 2009, p. 31). O pai, nesse caso, representa a tradição que não sucumbe aos novos tempos. “O meu rabo nunca foi louvado por olhar de macho, minhas nádegas enfiaram de assento em assento, em acento circunflexo” (COUTO, 2009, p. 31). No desfecho, a personagem coloca um vestido de saia rodada e evoca a redenção mediante o suicídio na fogueira.

O conto “Meia culpa, meia própria culpa” soma-se ao recorte proposto, o enredo trata da invisibilidade de uma mulher, pois a voz narrativa pertencente à personagem

de Maria Metade, cujo próprio nome do texto semiotiza a ideia de incompletude diante do seu universo sociocultural com ênfase às relações homem *versus* mulher. Esse conto remete ao paradoxo das missangas que, segundo a epígrafe em análise, “todos a veem”, porém conforme a voz narrativa essa afirmativa é contradita pela personagem. “Deus me trata como meu marido: um nunca me olha, o Outro nunca me vê. Nem um, nem outro me ascenderam a essa luz que felicita as mulheres” (COUTO, 2009, p. 40). Conforme a narrativa, Maria Metade encontra-se presa, sob suspeita de ter matado o próprio marido. Dessa situação, mediante o relato dos fatos, insiste com a autoridade presente, supostamente juiz, promotor ou advogado, para que seja deferida, a ela, a completa culpa pela autoria do crime. Entretanto, o seu testemunho dos fatos evidencia a sua inocência, isto é, o marido foi morto por acidente. Porquanto, considerando a sua vida miserável desprovida de tudo, pois se sentia reduzida a ninguém, por conseguinte, implora para que o homem da lei lhe impute a completa culpa pela morte do marido. Essa culpabilidade seria uma espécie de redenção, já que pelo menos, numa coisa ela poderia se sentir inteira, considerando que nem um filho gerou. Essa inferência é paradoxal, já que não consegue sua emancipação ao não dar a vida, isto é, não dar um filho ao marido, e ser indiretamente corresponsável pelo declínio de sua masculinidade, logo lhe restou a prerrogativa sumária, de quem pelo menos consegue tirar-lhe a vida.

Em o conto “A despedideira”, de teor emancipatório, uma mulher evoca sua força e posição diante do mundo pelo viés de monólogo interior. Ao modo clariciano, a personagem ressalta o enfrentamento assimétrico entre homem e mulher, no qual, munida do seu poder sexual, erótico e, efetivada como dona do seu espaço, usa o parceiro sexualmente e depois o despede com a certeza de que ele voltará em busca das migalhas de atenção que lhe são reservadas. “Toda a vida acreditei: amor é os dois se duplicarem em um. Mas hoje sinto: ser um é ainda muito. De mais. Ambiciono, sim, ser o múltiplo de nada. Ninguém no plural. Ninguéns” (COUTO, 2009, p. 54). A personagem legitima sua redenção no contexto da modernidade. Contudo, pode-se observar que, nesse conto, a mulher incide numa identidade feminina que não busca o equilíbrio entre os sexos e, sim, a sua inteira pluralidade de poder que atinge a máxima da oposição de gêneros.

Nessa conjuntura, a maioria dos contos da coletânea expõem múltiplas temáticas que sempre evidenciam o papel da mulher em meio a uma sociedade comandada por homens. Assim, é impossível avultar todos os recortes, nesse estudo. Mas, pode-se destacar o quanto irônica e sutil é a voz narrativa de um moço que engravida a própria irmã no conto “Maria Celuina, a esferográvida”, que trata de uma sessão de julgamento entre vizinhos comuns, na qual o amigo Evaristo, personagem inocente leva a culpa por aquilo que não fez. Infere-se, também, a tragicomédia envolta no conto “O nome gordo de Isidorangela”, no qual o narrador conta a história de uma menina gorda chamada Isidorangela que era motivo de chacota da cidade. O personagem narrador destaca vários equívocos, pois não entendia a devoção e subordinação do pai à figura do Dr. Osório Caldas. Nesse

sentido, evidenciam-se conceitos recorrentes na história narrada, cujos temas são múltiplos, tais como: casamentos arranjados em família, homoafetividade/homossexualidade, incesto e traição.

Nada mais estarrecedor que a trama narrada no conto “Os olhos dos mortos”, no qual a personagem narradora sofre os abusos advindos de um marido bêbado e violento. “Cumpria o fel do seu querer: me vergastava com socos e chutes. No final quem chorava era ele para que eu sentisse pena de suas mágoas. Eu era culpada por suas culpas” (COUTO, 2009, p. 70). Certo dia, essa mulher, em estado de gravidez apanha na barriga e, conseqüentemente perde o filho. Assim, ela é tomada de uma amargura e adoce profundamente. Nesse contexto, pondera-se: “A relação sexual que une a mulher ao homem não é a mesma que ele mantém com ela; o laço que a prende ao filho é irredutível” (BEAUVOIR, 1970, p. 79). Essa assertiva filosófica coaduna com os fatos narrados, já que, ao retornar para casa, a mulher pega o estilhaço de vidro da moldura do retrato e vai ao quarto, onde o marido dorme, mata-o, supostamente decepando seu pênis, depois fecha os olhos do marido e verbaliza seu fluxo de consciência.

Há muito de metáforas e polissemias no belíssimo conto “A infinita fiadeira”, no qual a arte pela arte é descrita pelo exercício do fio que forma as teias que repaginavam o mundo. Uma aranha ousada metaforiza, novamente, a figura da mulher que expandia as teias, sem se apegar a morada alguma. Essa decisão emancipatória causa euforia, no mundo dos aracnídeos, e os pais decidiram que ela tinha que ser freada por meio de um namorado. A família organiza um encontro, porquanto ocorre a quebra de paradigmas, ou seja, a modernidade sobrepõe a tradição, já que os dois se apaixonam e o marido, por sua vez, cede aos caprichos da arte da esposa. Essa harmonia instaurada entre o casal, por conseguinte, incomoda a todos. “A família desiludida consultou o Deus dos bichos, para reclamar da fabricação daquele espécime” (COUTO, 2009, p. 74).

O conto “Maria pedra no cruzar dos caminhos” retrata as seguintes questões: virgindade, gravidez, violência sexual sofrida pelas mulheres dentro da própria casa, no seio da família. Assim, entram em cena a traição e as artimanhas de uma mulher que engravida do vizinho, amigo do marido, inválido e, quando a criança nasce, a filha assume a maternidade para livrar a mãe de uma situação vexatória. Em “O novo padre”, são dispostos os relatos que sucedem numa terra distante, sem leis, em que até os homens sacros sucumbem à libertinagem e reivindicam a culpa a uma África onde o *Apartheid* cedia espaços a tempos modernos. “Contrariamente ao habitual, alguns negros se juntam no bairro dos brancos” (COUTO, 2009, p. 90). Também se discute a dicotomia da mulher negra e o seu poder de fazer saltar os desejos sexuais dos homens brancos.

No contexto da contradição, entre o viés tradicional e a inserção na modernidade, destaca-se, quase que como exercício didático, nessa coletânea, o conto “A avó, a cidade e o semáforo”, de tal modo, a história retrata uma avó inconformada com a ida do neto para a cidade. O próprio neto relata a situação dicotômica da

avó, envolta em credices, numa aldeia da zona rural quando ele precisa ir à cidade receber um prêmio do ministério. Ndzima, a avó, resolve acompanhá-lo e, nessa circunstância, a história apresenta situações cômicas ocorridas do entrechoque de pessoas das aldeias e da cidade. “A modernidade é universalizante não apenas em termos de seu impacto global, mas em termos do conhecimento reflexivo fundamental a seu caráter dinâmico” (GIDDENS, 1991, p. 154). Ao contrário do que se previa, diante da dinâmica urbana, a avó resolve permanecer na cidade como pedinte em um semáforo, pois acreditava que na aldeia vivia muito sozinha. Porquanto, o neto retorna sozinho e tempo depois recebe um bilhete da senhora Ndzima.

Giddens reafirma que nenhuma força providencial prevê a versão dessas constantes. “Do outro lado da modernidade, como virtualmente ninguém na Terra pode continuar sem perceber, pode não haver nada além de uma ‘república de insetos e grama’, ou um punhado de comunidades sociais humanas danificadas e traumatizadas” (GIDDENS, 1991, p. 152). Assim, o último conto da coletânea, “Peixe para Eulália”, merece destaque, considerando o enunciado que inaugura a epígrafe desse artigo, já que a história retrata a seca de anos em Moçambique em Nkulumadzi. Em meio à seca, na aldeia, um sujeito andarilho meio maluco que buscava explicar o porquê da ausência de chuvas. Diante das profecias sem sentidos, a população vaiava o homem. No entanto, uma mulher, chamada Eulália, acreditava nas ideias do moço apalermado. Ela se torna uma espécie de protetora do louco. O tempo passa e Eulália adocece. O moço quando soube do estado dela, por conta da fome, anuncia que pescará peixes para a jovem mulher diante de uma seca de tempos. O misto de fantasia ocupa o enredo, já que ele entra num barco, tipo pássaro e desaparece nas nuvens. Eulália fica na praça, sozinha à espera do moço que não retorna. Os familiares tentaram dissuadir a mulher daquela espera, e com tempo, a jovem voltou à lucidez. Um dia, porém, a personagem entrou em alvoroço pela cozinha a anunciar que caíram duas gotas de chuva. Todos riram. Ela aponta para o meio do capim onde se mostram dois olhos do Senhorio com dois peixes para Eulália. Antes de se apossar do achado, começa a chover abundantemente água e peixe.

Efetivamente, os elementos que compõem a estrutura paradoxal dos espaços, ocupados por homens, em detrimento dos espaços reservados às mulheres, na ficção de Mia Couto coadunam com o pensamento a seguir: “O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 2012, p. 17). Dessa configuração social, conseqüentemente, incide a incorporação da percepção que se infere a todas as coisas do mundo. “[...] é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres” (BOURDIEU, 2012, p. 19). Nessa conjuntura, pode-se ponderar que as divisões distintivas da ordem social histórica são produtos das relações sociais e culturais de dominação e de exploração estabelecidas entre os gêneros e, por conseguinte, se efetivam progressivamente, de modo a promover os embates implicados nos princípios de

divisão/cisão que, conseqüentemente, levam às práticas distintivas na oposição entre o masculino e o feminino.

#### 4 O conto “O fio e as missangas”: a questão dos gêneros em Mia Couto

Ao analisar o conto “O fio e as missangas”, de Mia Couto, no que compete refletir a respeito do recorte semiótico e metafórico, a princípio, diante dessa narrativa, cujo enredo foi antecipado na introdução desse artigo, é importante analisar a questão envolta na tradição e na modernidade, pois, conforme Giddens, os aspectos principais dos costumes vivenciados na atualidade nos obrigam, de algum modo, à desconexão das práticas tradicionais de ordem social e histórica em proporções nunca experienciadas. “[...] as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. (GIDDENS, 1991, p. 10-11). Nesse sentido, pode-se considerar que o conto “O fio e as missangas” promove a conjetura de continuidades *versus* descon continuidades, no que compete pensar o paradoxo entre o tradicional e o moderno.

O enunciado fundamental na análise do conto “O fio e as Missangas” encontra-se envolto na dinâmica da temática principal que advém das vozes masculinas interpostas nas histórias dos personagens. “*A vida é um colar. Eu dou o fio, as mulheres dão as missangas. São sempre tantas as missangas...*” (COUTO, 2009, p. 66, itálico do autor e grifo nosso). Assim, evoca-se que esses termos são pressupostos como “dito popular” e fazem parte do imaginário coletivo, considerando as reiteradas manifestações nessa coletânea, a exemplo do título e da epígrafe do livro. Além disso, há a retomada do tema no título do conto em interpretação e, ainda, no último enunciado do conto intitulado: “Peixe para Eulália” que, por sua vez, fecha a coletânea com a seguinte frase: “Vale não escassez de loucos. Uns seguindo-se aos outros, em rosário. Como contas de **missanga**, alinhadas ao **fio** da descrença” (COUTO, 2009, p. 146). Observa-se que Mia Couto fecha o conjunto de contos com a ideia de que as missangas (mulheres) ainda estão alinhadas ao fio (homem), porquanto paira a descrença nesse homem tradicional em transição e inevitavelmente perde espaço à modernidade.

A dissimetria entre os sexos representa no conto em análise uma perspectiva histórico-social que remete ao arcabouço central da cultura moçambicana. O tom discriminatório do discurso impetrado, “Eu dou o fio”, evidencia o homem, na sua estrutura de poder, isto é, numa zona de conforto, na qual não se refere simples e unicamente a uma mulher específica, atenta para todo um grupo social, do qual “as mulheres dão as missangas”, cuja verbo doar soa com passividade e a obrigatoriedade advinda da cultura mãe africana imposta às mulheres na condição de sujeição ao masculino como se fosse muitas disponíveis a qualquer momento, “São sempre tantas as missangas”. Enquanto, ao homem prevalece o reconhecimento da sua autoridade que reflete o saber e as regras socioculturais constituídas.

A amplitude das metáforas fios e missangas se efetiva na perspectiva da semiótica do discurso, pois pode-se ponderar a expansão macro dessa ideia principal. Sendo assim, o colar que agrega fio e missangas não se encontra comparado à vida, ou seja, é a própria vida metaforizada. Esse adorno de estrutura circular representa o eterno retorno e ajusta-se ao conjunto de significantes submersos na espécie humana que, *a priori*, demarca o termo “fio” pela afirmação masculina. E, por outro lado, as “missangas” reafirmam a subordinação feminina. Nessa acepção, mantém-se a predominante ideia de que o fio, no singular, representa toda a categoria masculina que o pluraliza no poder instituído. No seu contrário, as missangas, no plural, metaforizam as mulheres, de forma negativa, já que singulariza o seu poder, mesmo na condição de grupo.

Nessa perspectiva semiótica, no que se refere ao conto e à máxima citada anteriormente, pode-se afirmar que o enunciado base dessa análise remete ao arcabouço de poder masculino que sobrepõe à coletividade feminina. De tal modo, no enunciado “Eu dou o fio” amplia-se a ideia de poder e, ainda, metaforiza a imagem do fio como se fosse o órgão sexual masculino (falo/pênis) como o aforismo da potência do homem em detrimento da figura feminina, já que implica no interesse narcísico masculino. “Assim também, antes de indagar se o macho se orgulha de ter um pênis ou se seu orgulho se exprime pelo pênis, cumpre saber o que é o orgulho e como a pretensão do sujeito pode encarnar-se em um objeto” (BEAUVOIR, 1970, p. 66). A psicanálise freudiana observa essa dinâmica: “As reações de indivíduos de ambos os sexos são mesclas de traços masculinos e femininos” (FREUD, 2011, p. 294). O contraste no comportamento dos dois sexos nos parece análogo ao enunciado analisado, no qual o macho “Alfa” detém o poderio do “Eu” que forma o seu âmago, idealizado na imagem do pênis em conjunto à sua importância na propagação da espécie, sob o ponto de vista psicológico.

Essa investida individual, “eu dou o fio”, não corrobora na altivez e na diminuição das distinções dicotômicas no emaranhado de relações dos sexos distintos. “Não se deve encarar a sexualidade como um dado irreduzível; há, no existente, uma ‘procura do ser’ mais original; a sexualidade é apenas um de seus aspectos” (BEAUVOIR, 1970, p. 66, aspas da autora). Em contrapartida, as figuras femininas, no aspecto contextual do conto “O fio e as missangas”, também oferecem, no conjunto da pluralidade, a sua parte: “[...] as mulheres dão as missangas”. Observa-se que, nesse enunciado, comparado ao anterior, ocorre a mesma ampliação metafórica, já que numa significação máxima as missangas são as mulheres, ajustadas a mais um argumento metafórico e, até mesmo, metonímico, considerando a parte pelo todo, uma vez que as missangas se ajustam ao órgão genital feminino pluralizado pela vagina.

Nesse sentido, o enunciado destacado, como máxima do sexo masculino, no conto em análise, efetiva o reconhecimento e a legitimação da diferença sexual anatômica entre homem e mulher, ou seja, a feminilidade é exaltada desde que ajustada em torno da figura que detém o poder. “E exercendo a atividade sexual

que os homens definem os sexos e suas relações, como criam o sentido e o valor de todas as funções que cumprem: mas ela não está necessariamente implicada na natureza do ser humano” (BEAUVOIR, 1970, p. 28). Basta observar a voz masculina num tom hiperbólico e atrevido “São tantas as missangas...”, no sentido de enfatizar a disponibilidade gratuita das missangas, isto é, das mulheres.

Assim, o enredo de Mia Couto desconstrói essa narrativa de cunho tradicional sociocultural e reorganiza seu pensamento por meio da dinâmica de adaptação de novos tempos e espaços. “As civilizações tradicionais podem ter sido consideravelmente mais dinâmicas que outros sistemas pré-modernos, mas a rapidez da mudança em condições de modernidade é extrema” (GIDDENS, 1991, p. 12). Diante disso, o estudioso ressalta que a perspectiva da modernidade representa a dicotomia fenomenológica do final do século XX, uma vez que expede ao desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua propagação de proporção mundial que, de algum modo, promove oportunidades bem maiores para os seres humanos – homem/mulher – gozarem de uma existência mais igualitária.

Mas, considerando as conjecturas contrárias, nem tudo são flores, por outro lado, a modernidade tem também um lado sombrio, solitário e perigoso, considerando a assertiva a seguir: “O mundo em que vivemos hoje é um mundo carregado e perigoso” (GIDDENS, 1991, p. 15). Conforme o estudioso, essa dinâmica tem efeito dicotômico, no sentido de não nos frear e sim nos impulsionar. “Isto tem servido para fazer mais do que simplesmente enfraquecer ou nos forçar a provar a suposição de que a emergência da modernidade levaria à formação de uma ordem social mais feliz e mais segura” (GIDDENS, 1991, p. 15). Nesse sentido, o sociólogo britânico adverte para a necessidade de uma crítica padronizada que pondere o efeito contrário ao que se vislumbra da modernidade. “A perda da crença no ‘progresso’, é claro, é um dos fatores que fundamentam a dissolução de ‘narrativas’ da história” (GIDDENS, 1991, p. 15, aspas do autor). Conforme assertiva, há muito mais em jogo na ordem dos discursos que pressupõe a sensação de que não vamos chegar a lugar nenhum. Essa conjuntura, inter-relacionada aos moçambicanos faz todo sentido, considerando as histórias de vidas de homens e mulheres que incidem da cultura de um povo, cujo fenômeno sociocultural e histórico agrega diásporas, dispersões que envolvem períodos longos de escravidão africana e também de guerras em Moçambique. Nesse contexto, há certa tendência humana de descrença no progresso, ou seja, não se vislumbra o sentido positivo. De tal modo, a análise institucional do caráter paradoxal da modernidade corrobora nas dificuldades de compreensão de algumas das limitações das perspectivas sociológicas clássicas, cuja influência encontra-se contígua ao pensamento sociológico nos dias de hoje.

A inter-relação reflexiva de ordem semiótica e, por vezes, metafórica no conto “O fio e as missangas”, de Mia Couto, evidencia algumas proposições muito próximas ao pensamento de Giddens, considerando que tanto o personagem principal como o próprio narrador encontram-se sucumbidos mediante uma solidão incomparável. Esse estado, porquanto, remete às constantes dialéticas transformacionais

sociais e históricas do contexto moçambicano. Apesar de rememorar a conjuntura da tradição, por sua vez, ainda não superado pela personagem principal do conto, JMC representa o sujeito moçambicano amparado nos velhos costumes que lhes autenticava todo o poder masculino diante da mulher. Ainda assim, a mãe do personagem, que se mostra resiliente com o próprio filho, metaforiza a própria cultura tradicional. De tal modo, em sua multiplicidade semiótica, “a mãe” representa a terra, a tradição e, até certo ponto, a manutenção dos costumes. Assim, a figura materna, numa dinâmica histórica, permite a JMC transitar no seu arcaísmo tradicional sem a menor culpa, já que se mantinha preso à estrutura de preservação dos alicerces patriarcais.

O texto apresenta JMC como um sujeito ainda jovem, mas sucumbido à tradição, isto é, submetido aos costumes velhos. “–*Não sou velho, é verdade. Mas fui ganhando muitas velhices*” (COUTO, 2009, p. 65, itálico do autor). A perda de um pressuposto paraíso faz com que o personagem não se reconheça e nem tenha forças para manutenção da tradição. “Vou lembrando os tempos em que este homem magro e alto desembocava nesse mesmo jardim. Acontecia todo final de tarde. Recordo as suas confidências” (COUTO, 2009, p. 66). Observa-se, nesse trecho, que o narrador, na sua busca pelo resgate dos costumes antigos, recorda as confidências de JMC, já que as memórias são parte da voz narrativa e não do personagem que, possivelmente, perdeu tais referências. “Que ele sendo devidamente casado, se enamorava de paixão ardente por infinitas mulheres. Não há dedos para as contar todinhas, [...]” (COUTO, 2009, p. 66). Essa voz narrativa se mostra ambígua e, por assim dizer, polifônica, se considerarmos que JMC confidenciava suas aventuras amorosas à mãe, que já não existe mais, pois está morta. Metaforicamente, o sentido de morte também é simbólico e, desse modo, pode-se ponderar que a voz narrativa é da própria mãe que também oscila diante dessa ambivalência da tradição *versus* a modernidade.

A mãe, em sua pressuposta perspectiva tradicional, fazia vista grossa ao comportamento do filho. “De olhos fechados, a velha escutava e fingia até adormecer no cansado sofá de sua sala” (COUTO, 2009, p. 66). Observe que a mãe fingia adormecer diante do filho que repete a conjuntura de costumes sociais velhos, figurados nos termos: “cansado sofá”. Nesse sentido, pode-se pressupor que a figura patriarcal implicada na terra e cultura também se mostra fadigada e precisa morrer para que os costumes novos alcancem espaços. Assim, a resiliência maternal encontra-se no limite entre a manutenção da tradição ou a abertura para os tempos modernos de emancipação feminina. “E JMC se enfiava na banheira enquanto a velha mãe o esfregava com uma esponja cheirosa. Acabado o banho, ela o enxugava devagarosa como se o tempo passasse por suas mãos e ela retivesse nas dobras da toalha” (COUTO, 2009, p. 66). Há um conflito com o tempo, pois o termo “devagarosa” legitima a subjetividade da ação que busca a sustentação dos costumes nas dobras da toalha.



Conforme destacou umas das maiores vozes femininas do mundo: “O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos” (BEAUVOIR, 1970, p. 9, aspas da autora). Nesse sentido, a voz narrativa em “O fio e as missangas” descreve uma conjectura da mãe que se mostra ambígua, pois rememora uma tradição representada pela figura do pai de JMC que o leva a contra-argumentar a perspectiva de fidelidade como algo discutível à figura feminina. Ademais, a mãe ordena ao filho que persista: “– *Continue, meu filho, vá distribuindo esse coração seu que é tão grande. Nunca pare de visitar as mulheres. Nunca pare de as amar*” (COUTO, 2009, p. 66, itálico do autor). O contra-argumento consiste em uma fusão entre a ideia de coração (amor) e o pênis (sexo). Nessa presunção, retoma o pensamento freudiano ligado à máxima do falo, isto é, do órgão sexual masculino.

O filho havia indagado sua mãe a respeito da fidelidade do pai, isto é, se ele não colecionava amantes. Enquanto que, numa demonstração de quebra de paradigmas, a mãe contra-argumenta que a fidelidade/lealdade do pai não alcançava a máxima de positividade e sucumbia ao negativo. “– Seu pai nunca soube amar ninguém...” (COUTO, 2009, p. 66). Essa afirmativa rememora um passado aparentemente pior que o do filho, já que tradicionalmente os casamentos poderiam ser arranjos familiares. Conforme a mãe, esse homem, mesmo sendo leal não demonstrava o sentimento de amor esperado. Noutras palavras, o tom crítico remonta à perspectiva da ideia da mulher como objeto de procriação apenas, destituído de qualquer afetividade. “A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade” (BEAUVOIR, 1960, p. 9). Nesse contexto, o comportamento de JMC, mesmo inserido na tradição, mostra-se positivo, já que confirma certo avanço em comparação ao tempo do pai, uma vez que, no tempo do filho e suas amantes, a ideia do sexo invalida a perspectiva biológica envolta na procriação e visa a busca pelo prazer.

A pressuposta abreviação do nome JMC remete à semiótica de uma falta de identidade do personagem diante das transformações. “Nunca soube o seu nome por extenso. Creio que ninguém sabe, nem mesmo ele. As pessoas chamam-no assim, soletrando as iniciais: *jota eme cê*” (COUTO, 2009, p. 65, itálico do autor). Assim, JMC se perde na sua própria identidade e não consegue se afirmar como ser incluído socialmente. Quando o narrador é saudado, pela voz narrativa, ele se mostra arredio e tímido diante da claridade. “Saúdo-o, em inclinação respeitosa. Ele ergue os olhos como se a luz fosse excessiva. Um subtil agitar de dedos: ele quer que eu me sente e o salve da solidão” (COUTO, 2009, p. 65). Na perspectiva da polifonia de vozes, cuja multiplicidade de consciências se ajusta numa única unidade de acontecimentos em que cada uma mantém a sua particularidade. “Assim, as vozes ideológicas coexistem, no texto, de forma análoga ao próprio narrador nos seus diferentes estados de espírito” (MATOS, 2017, p. 134). Nesse sentido, a voz narrativa metaforiza a própria mãe, já que esse filho espera que a mãe (tradição) venha sentar-se ao seu lado e, por conseguinte, ajude a sair daquela

solidão que envolve a conjuntura da representação moderna na sua predição de liberdade por meio do excesso de luz.

Nessa dinâmica, adjunta à visão dicotômica entre homem e mulher, pode-se observar o descompasso e o reverso da situação. De tal modo, diante do apagamento da figura masculina, JMC ainda sucumbe ao poder da figura feminina, já que Dona Graciosa se mostra poderosa e exuberante. “E nesse **vazio** permanecemos **ambos** até que, por entre **o acinzentar da tarde**, surge **Dona Graciosa**, esposa de JMC. Está **irreconhecível**, parece deslocada de um **baile de máscaras**” (COUTO, 2009, p. 67, grifo nosso). Os termos grifados legitimam a acepção semiótica simbólica, já que configuram a ideologia de descontinuidade dos costumes velhos. O termo “ambos” pressupõem a voz narrativa/mãe e JMC, ou seja, ambos, no seu apagamento social histórico, relacionado ao enunciado “o acinzentar da tarde” de um tempo que está no fim, isto é, pressuposto que a tradição perde seu espaço para modernidade. Os novos tempos encontram-se metaforizados em Dona Graciosa, que se mostra quase irreconhecível. O baile de máscaras define a ideia de modernidade como uma representação caricata e mascarada que ainda esconde costumes patriarcais.

A distopia entre tradição e modernidade se efetiva no momento que a esposa de JMC ocupa o espaço que exige. Essa inferência ocorre em detrimento da saída de cena da tradição (voz narrativa) que, por conseguinte, sucumbe aos apelos da modernidade. “Vem de brilhos e flores, mais decote que blusa, mais perna que vestido. Me soergo para lhe dar o lugar no banco. Mas ela se dirige ao marido, suave e doce” (COUTO, 2009, p. 67). Nesse entrecho, há certo ponto definitivo de descontinuidade, pois Dona Graciosa, apesar da exuberância e poderio feminino, com tendência ao vulgar, coloca o marido contra a parede e JMC cede aos apelos da mulher e saem de braços dados. Nesse interim, diante de uma nova perspectiva espaço-temporal, surgem mais ambiguidades, pois há, na ação de Dona Graciosa, a efetivação da modernidade na sua máxima, por outro lado, a sua voz maternal suave e doce corrobora para a retomada de aspectos da tradição que, por conseguinte, convencem o marido a acompanhá-la.

Desse modo, o conto fecha-se mediante o equilíbrio entre os sexos, ou seja, os dois lados precisam ceder para efetivar um novo tempo. Logo, a tradição representada na voz narrativa/mãe é abandonada. “De braços dados, os dois se afastam. A noite me envolve, com seu abraço de cacimbo. E não dou conta de que estou só” (COUTO, 2009, p. 67). O enunciado do desfecho metaforiza o trânsito temporal subjetivo, pois a tarde sucumbe ao abraço da noite. Esse atravessar infere-se na sociedade, pela qual essa mulher experimenta a altivez do sujeito sob o efeito cultural, social e político da modernidade. Essa configuração do epílogo do conto corrobora na possibilidade da inserção de ambos os sexos, de braços dados, em sintonia com a cultura moderna.

## 5 Considerações Finais

A análise empreendida vislumbra, na ficção de Mia Couto, especialmente na coletânea *O fio das missangas*, o *modus operandi* ficcional do autor, no exercício da criação de sua literatura, por meio de múltiplos elementos, tais como: metáforas, indivíduos, objetos, estados e coisas, por exemplo (colar, fio e missangas), pelos quais assenta-se o jogo que, por sua vez, compromete as personagens femininas que, de certo modo, aspiram ao aspecto de empoderamento e, por conseguinte, expressam a busca pela desvinculação da teia de dominação masculina. A recorrência do desejo feminino em ganhar visibilidade sucede do signo de opressão individual e coletivo, cuja identidade e realidade, ainda, encontram-se sujeitas à tradição de um império cultural de costumes que precisam ser descontinuados. Assim, os discursos “supostamente” ideológicos, destacados nessa leitura temática, demonstram que o viés tradicional é vulnerável aos novos tempos e olhares. Então, no que pese à modernidade, justifica-se, nas personagens do escritor moçambicano, o viés emancipatório da mulher por meio do encontro com o novo modo de ver o mundo que resulta desse enfrentamento com o discurso cultural, no qual o sujeito masculino se julga inalterável e não parece querer ceder espaço ao escopo da mudança.

Ao minuciar as metáforas, ante proposição semiótica, buscou-se pôr à reflexão a acepção de representação e individuação de ambos os sexos figurativizados. Essas aferições metafóricas são extremamente pertinentes porque sugerem às personagens femininas aquilo que seria crucial no processo de descontinuidade de costumes velhos. Em torno dessa ambivalência, os valores de sentidos opostos incidem do lugar, das condições adversas, dos campos de emergência socioculturais, do caráter subversivo a respeito das questões tradicionais e dominantes. Esse caráter ambivalente encontra-se sob cisão entre homem *versus* mulher, já que o advento da modernidade os obriga, tanto masculino como feminino, de assalto, à reorganização dos espaços e do tempo como promessa de relações possíveis, porquanto, às vezes, ainda distantes.

Nesse sentido, a ficção de Mia Couto nos desafia a fazer vir à tona o invisível ocultado nas relações de dominação que determinam a natureza masculina amparada no princípio da “suposta” inferioridade feminina e da sua exclusão ante um sistema de costumes arraigados na tradição que reitera, amplia e efetiva o princípio de divisão entre os sexos sucedida da dissimetria entre o dominante e o dominado, o sujeito e o assujeitado que, ao longo do tempo, resultam nos ajustamentos conscientes e inconscientes dos projetos de poder humano.

As distinções de trocas simbólicas pautam-se, a longo prazo, mediante a cisão entre a estrutura cultural que vincula as figuras femininas aos seus opressores. Esses ditames de dominação não são exclusividade específica dos povos africanos, a exemplo de Moçambique e outros países de língua portuguesa, cuja tradição colonialista se compara às inúmeras situações análogas na sociedade brasileira que apresenta índice elevado de violência contra a mulher. Dessa conjuntura, é conclusivo ponderar que, à luz da literatura africana, pode-se vislumbrar o caráter

de esperança numa moral existencialista que incide na luta pela liberdade individual e coletiva que se realiza dentro de uma formulação possível, no mínimo igualitária para homens e mulheres. Assim, são necessários os debates sobre essa cisão entre gêneros que se mostram nos enredos ficcionais, cuja independência, emancipação, empoderamento metaforizam-se na ordem do discurso e imitam uma possível realidade, na qual possa-se evidenciar as conquistas de espaços da mulher dentro de circunstâncias que não mais restringem a sua liberdade e, por sua vez, liberte o homem do peso biológico e histórico que, muitas vezes, ainda o torna carrasco e sexista.

## ***THE SEMIOTICS OF “FIO” AND “MISSANGAS” IN THE FICTION OF MIA COUTO: THE ASYMMETRIC METAPHORS BETWEEN THE SEXES***

**Abstract:** This paper aims to understand the split between tradition and modernity in Mia Couto’s work, entitled: “The thread of the beads”, in which the writer in a semiotic perspective describes the conflicts of genders, whose metaphorical and symbolic association is inferred into the relation: thread versus beads. The interpretative reading presents an analytical cut with an emphasis on the book epigraph and on the thematic and analogous story: “The thread and the beads” contiguous to the numerous recurrences of the subject in other stories in the collection. In the composition of this analysis, authors and studies are evoked that, in some way, corroborate for the effective interpretation proposed. Thus, it is concluded that the analytical judgment conjectures polysemic meanings in the life stories of men and women which focus on the culture of a people, the diasporas and a long period of African slavery in Mozambique.

**Keywords:** Metaphor; Beads; Modernity; Semiotics; Tradition.

### **Referências**

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CHERUBIM, Sebastião. *Dicionário de figuras de linguagem*. São Paulo: Pioneira, 1989.

COUTO, Mia. *O fio das missangas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6. ed. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. Tradução Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2008.

FREUD, Sigmund. Algumas diferenças psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 16: O eu e o id, "Autobiografia" e outros textos (1923- 1925)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. 3. ed. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

MATOS, Edinaldo Flauzino de. As vozes polifônicas que incidem no jogo da sedução. In: MATOS, Edinaldo Flauzino de. *O Erotismo em Machado de Assis*. Curitiba, Appris, 2017.

Recebido em 16 de outubro/2020

Aprovado em 12 de dezembro/2020